

WIT 18 Anos: A Evolução de seus Comitês de Programa

Mirella M. Moro¹, Luciana Salgado², Aleteia Araujo³

¹Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil

²Universidade Federal Fluminense, RJ, Brasil

³Universidade de Brasília, DF, Brasil

mirella@dcc.ufmg.br, luciana@ic.uff.br, aleteia@unb.br

Abstract. *WIT (Women in Information Technology) is the largest Brazilian event on gender diversity in Computing and celebrates 18 editions in 2024. Getting to the age of 18, in a predominantly male scientific society, goes beyond simply marking the transition to “adult life”. Indeed, it is an important milestone that represents the potential for change and gender equality. To celebrate such an achievement, we present a multidimensional analysis of the people who compose its program committees. The results reveal that regional, educational and experience diversities have been constant hallmarks of such committees.*

Resumo. *WIT (Women in Information Technology) é o maior evento nacional sobre diversidade de gênero na Computação. Realizado pelo Programa Meninas Digitais da Sociedade Brasileira de Computação, este evento celebra 18 edições em 2024. Chegar à maioridade em uma sociedade científica predominantemente masculina vai além de simplesmente marcar a transição para a “vida adulta”. Na realidade, é um importante marco que representa o potencial de mudança e igualdade de gênero. Para festejar tal conquista, este trabalho apresenta uma análise multidimensional sobre as pessoas que compuseram os seus comitês de programa. Os resultados revelam que diversidades regional, de formação, e de experiência têm sido marcas constantes nesses comitês.*

1. Introdução

Comitês de organização e de programa desempenham papéis cruciais na realização e no sucesso de eventos técnico-científicos, desafiando-se a garantir a qualidade, a relevância, o cumprimento dos requisitos éticos (e.g., revisão anônima), e a diversidade das contribuições e das atividades apresentadas durante o mesmo. Esses comitês são responsáveis por definir os temas a serem abordados, avaliar as submissões e dar *feedback* às pessoas autoras, selecionar os trabalhos mais pertinentes e de qualidade, e organizar as sessões técnicas a fim de promover um diálogo produtivo e enriquecedor entre participantes. Em clima de crescimento e muito sucesso, o *Women in Information Technology* (WIT), um dos eventos base do Congresso da Sociedade Brasileira de Computação (CSBC), completa 18 anos na edição de 2024 em Brasília. Este artigo visa virar os holofotes para parte crucial da comunidade: os comitês de programa de tantas edições gloriosas.

A importância dos comitês de programa para eventos técnico-científicos é multifacetada, pois envolve um cenário de muitas responsabilidades. Primeiramente, eles asseguram que apenas trabalhos de alta qualidade e de relevância sejam aceitos para

apresentação, garantindo assim a excelência e a reputação do evento. Por meio de um rigoroso processo de revisão por pares, os comitês avaliam a originalidade, a metodologia, as contribuições, os resultados e as conclusões dos trabalhos submetidos, colaborando para a promoção e divulgação de pesquisas sólidas e confiáveis.

Segundo, os comitês de programa técnico-científicos são centrais para promoção de diversidade e inclusão, assegurando que uma variedade de tópicos, perspectivas e abordagens sejam representadas durante o evento. Essa prática enriquece o debate técnico-científico, viabiliza a divulgação científica de soluções inovadoras, promove a colaboração e o intercâmbio de conhecimentos dentro da comunidade, e permite a inclusão de grupos e temas emergentes.

Finalmente, esses comitês (podendo ser mais de um no mesmo evento ao considerar trilhas, por exemplo) são responsáveis por organizar sessões técnicas, painéis, mesas-redondas e debates de maneira lógica e coesa, criando assim um programa que facilite o fluxo de informações e promova a interação e o engajamento entre participantes. Ao considerar a complementaridade e a interconexão entre os trabalhos selecionados, os comitês podem criar um programa abrangente e integrado que permita a participantes traçar conexões entre diferentes áreas de pesquisa, identificar tendências emergentes e colaborar na solução de problemas apresentados pela comunidade envolvida.

Os comitês de programa, portanto, desempenham um papel fundamental na estruturação de eventos técnico-científicos, contribuindo para a promoção da excelência, relevância, diversidade e interatividade da área como um todo. Logo, ao constatar o crescimento de um evento técnico-científico, é inevitável prestigiar todas as pessoas envolvidas que trabalham, voluntariamente, na seleção criteriosa e na organização eficiente dos artigos, das apresentações e discussões.

Sobre análises de comunidades técnico-científicas e seus eventos, a maioria dos estudos avalia apenas quem publica nos mesmos; vide áreas específicas como bancos de dados [de Lima et al. 2017] ou ciências no geral [Whittington et al. 2024]. Além disso, especialmente, no que se refere à diversidade de gênero, o conjunto de dados mais estudado ainda é o de autoria [Bordin et al. 2021, Carvalho et al. 2023a, Carvalho et al. 2023b, Cesario et al. 2017, Maximino et al. 2022, Pizzol et al. 2022, Soares et al. 2023]. Enquanto análises de autoria são pertinentes e construtivas, elas não cobrem essa parte importante da comunidade, que é, geralmente, formada por pessoas de destaque em suas áreas e que decidem quais são os temas a serem discutidos pela comunidade e quais artigos são publicados. Então, este artigo realiza análises sobre comitês que contribuíram para o WIT atingir a sua maioria com muita personalidade e maturidade.

Para tal, a Seção 2 apresenta uma visão geral sobre o único evento técnico-científico brasileiro sobre diversidade de gênero na Computação. Então, a Seção 3 discute trabalhos relacionados, destacando não haver nenhum que cubra as edições do WIT, como feito aqui. A Seção 4 detalha a metodologia usada nas análises. A Seção 5 discute resultados em relação a: distribuições por sexo e geográfica (região brasileira, capital ou interior); diversidade institucional em relação à filiação com IES (Instituições de Ensino Superior) e seus tipos (Universidade Federal, Estadual ou Particular; Instituto Federal); e formação acadêmica (grau, ano de conclusão, área, instituição) dos seus comitês. Para finalizar, a Seção 6 apresenta algumas conclusões e os trabalhos futuros.

2. WIT: O Aniversário é dele; o Presente, Nosso

O WIT iniciou em 2007 como uma iniciativa da SBC para diversidade de gênero na Tecnologia de Informação (TI) no Brasil. Hoje, o WIT é um dos maiores eventos base do CSBC e conta com programação diversificada incluindo apresentação de artigos, palestras e painéis considerando as perspectivas de mercado de trabalho e academia, bem como de análise de dados, atividades de extensão e incentivo à participação feminina na área (e.g., [Araujo et al. 2022, Drummond et al. 2022, Milson et al. 2020, Silva et al. 2023]).

Completar 18 anos em uma sociedade científica majoritariamente masculina representa muito mais do que apenas uma transição para a “vida adulta” de um evento. É, na verdade, um marco significativo que simboliza o potencial de transformação e equidade de gênero. Em contextos nos quais as desigualdades de gênero são profundamente enraizadas e persistentes, como é a sociedade brasileira de modo geral e a indústria de Tecnologia de Informação especificamente, atingir a maioria é um passo crucial para quebrar barreiras e desafiar normas sociais que historicamente marginalizam as mulheres.

Assim, ao atingir a maioria, uma menina ganha voz renovada e posição fortalecida para reivindicar seus direitos e espaço na sociedade. Em muitas culturas e comunidades, a idade adulta é vista como um período de autonomia e responsabilidade, permitindo que as jovens mulheres exerçam seus direitos civis e políticos, participem ativamente na tomada de decisões e contribuam para o desenvolvimento social, econômico e político de suas comunidades e nações. Além disso, ao completar 18 anos, uma menina adquire uma nova perspectiva sobre suas capacidades e potenciais, desafiando estereótipos de gênero e construindo uma identidade independente e empoderada. Em uma sociedade científica, majoritariamente masculina, na qual mulheres enfrentam discriminação, violência e limitações de oportunidades, alcançar a maioria é um passo significativo para a construção de uma autoimagem positiva, resiliente e determinada a superar obstáculos e alcançar o sucesso em seus objetivos pessoais e profissionais.

De fato, a importância do WIT completar 18 anos, neste tipo de sociedade, reside na inspiração e no exemplo que pode oferecer para outros eventos da SBC e para a sociedade em geral. Ao demonstrar determinação, coragem e capacidade de superar desafios, este jovem evento torna-se um modelo inspirador para outros, incentivando meninas e mulheres a perseguirem seus sonhos, lutar por seus direitos e desafiar as normas da sociedade que perpetuam a desigualdade de gênero.

Esta data festiva é perfeita para celebrar as conquistas e reivindicar os direitos de contribuir ativamente para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres na TI. Este artigo é um marco para o potencial de transformação e o papel central dos comitês de programa que trabalham para que mulheres acreditem que elas podem construir uma sociedade mais justa, inclusiva e equitativa para todas as pessoas.

3. Trabalhos Relacionados

Na década atual, estudos dedicaram-se a investigar a participação de homens e mulheres nos eventos nacionais de Computação para caracterização da evolução das autorias de artigos. Especialmente, o número de trabalhos científicos publicados por homens e mulheres foi objeto de estudos de [Santana and Braga 2020]. Além de observar que os congressos da SBC não fornecem informações quanto ao gênero de seus participantes, o

estudo identificou a participação feminina em 31%. Quanto às autorias, os dados (de 2017 e 2019) revelam que 220 mulheres e 539 homens foram autoras/es principais. O WIT se destaca como exceção, com 80 mulheres como primeiras autoras para sete homens.

O artigo [Soares et al. 2023] também comparou a representatividade de gênero na autoria de artigos publicados, investigando cinco anos (2018 a 2022) de eventos do CSBC. Os resultados indicam que a autoria de artigos nesses eventos é predominantemente masculina, refletindo a disparidade de gênero presente nos eventos do CSBC. O artigo [Carvalho et al. 2023a], em contraponto, ao analisar apenas o WIT, identificou uma raridade em comparação aos demais eventos do CSBC, investigando sete anos do evento (2013-2022): uma quantidade absoluta e proporcional de autoria de mulheres.

Além dos estudos com foco na publicação nos eventos, a participação feminina em comitês de programa também foi objeto de estudos na caracterização das diversas áreas no contexto nacional e na identificação de aspectos que possam contribuir para a atratividade de mulheres para a Computação. No trabalho [Duarte et al. 2019], foi investigada a participação de mulheres nas diferentes áreas da Computação, por meio da análise de 15 eventos realizados pela SBC, de 2011 a 2018. Eventos que não possuíam informações suficientes *on-line* (na ocasião da pesquisa) não foram incluídos. Os principais resultados indicaram que os eventos SBIE, IHC e SBSI tiveram o maior número absoluto de mulheres em seus comitês no período investigado. Os cinco eventos com menos pessoas e participações femininas eram: SBESC, SVR, WSCAD, SBSeg e SBMF.

O trabalho [Lorens et al. 2020], por sua vez, revelou a importância da interdisciplinaridade ao investigar 16 eventos realizados pela SBC e três eventos internacionais, no período de 2011 a 2019. Os principais resultados indicaram o percentual de participação nos comitês de programa: SBIE (47%), IHC (46%), SBSC (41%) e SBSI (39%) se destacaram por maior presença feminina e, os quatro eventos com menor proporção feminina foram o SBSeg (12%), SBCCI (14%), SIBGRAPI (16%), SBESC (17%) e WSCAD (18%). Além disso, o trabalho identificou que a participação contínua de algumas pessoas em um evento caracteriza a formação de um subgrupo mais estável dentro dos comitês. A análise dos eventos internacionais, por sua vez, indicou que, apesar das diferenças culturais, os padrões são parecidos com os encontrados nos eventos brasileiros, com diversidade de gênero pouco expressiva, nos números de participações e de pessoas.

Embora esses trabalhos sobre comitês de programa não estudem o WIT, eles ratificaram a baixa representatividade de mulheres em eventos da área de Computação. Neste artigo, é considerada a participação feminina nos comitês do WIT em suas edições com submissão de artigos (2016 a 2024). Assim, a próxima seção detalha a metodologia.

4. Metodologia

O objetivo é analisar a evolução dos comitês de programa ao longo das edições do WIT. Como uma análise orientada a dados, a metodologia segue três etapas: coleta de dados, transformação, e análise dos resultados. As limitações são listadas ao final desta seção.

Coleta de Dados. Os nomes e as filiações das pessoas envolvidas nos comitês de programa foram manualmente coletados a partir das páginas *on-line* ativas das edições do WIT ou, na ausência dessas, da SOL.¹ Os dados coletados foram armazenados em um

¹SBC Open Library: <https://sol.sbc.org.br>

Tabela 1. Exemplo de linhas reais de dados coletados e transformados.

Pessoa		Formação					Afiliação					WIT Comitê de Programa										
Nome	Sexo	Estudante	Doutorado	Grau	Area	Ano	Local	Pais	Instituição	TIPO	Reg	UF	interior	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
Alessa	F			PhD	Computação	2013	EXT	EUA	UFU	Federal	SE	MG	x									x
Aline	F	Computação @ UFMG		MProf	Tecnologias, E	2016	UFU		IFTM	Instituto	SE	MG	x								x	
Cristini	F	--		MSc	Computação	2000	UFRGS		URI	Particular	S	RS	x				x	x	x			x
Laura	F			PhD	Computação	2017	UFF		UFAC	Federal	N	AC										x
Nadia	F			PhD	Gestão	2023	EXT	Peru	Un. de Lima	EXTERIOR	EXT	EXT	EXT									x

conjunto de planilhas eletrônicas (uma por edição), as quais permitiram o acesso e a manipulação simples por esta equipe de pesquisa.

Transformação. O passo seguinte foi transformar os dados para o formato final de análise. Primeiro, foi necessário limpá-los devido a potenciais disparidades nas formas como os nomes são apresentados. Em especial, existiam vários casos de nomes de pessoas e instituições inconsistentes devido a abreviações, por exemplo: “Fulana Silva” e “Fulana Beltrana da Silva” são a mesma pessoa; e “USP” e “Universidade de São Paulo”, a mesma instituição. Esse processo chamado de desambiguação pode ser realizado utilizando ferramentas próprias e avançadas. Porém, devido ao número reduzido de registros (menos de 200 pessoas identificadas ao final), duas integrantes da equipe verificaram cada um (nome e filiação) e facilmente identificaram e corrigiram discrepâncias.

Segundo, foi necessário organizar os dados considerando o ano de realização do WIT. Nesse caso, foi construída uma tabela agregando as pessoas aos anos em que cada uma participou de um comitê do WIT. Assim, obteve-se uma única tabela composta pelas colunas: nome, filiação, 2016 a 2024 (edições em que WIT teve Comitê de Programa).

Finalmente, para responder as questões definidas, os dados foram expandidos com estas colunas: sexo (inferido a partir do nome da pessoa); formação com grau (doutorado ou mestrado), área, ano de conclusão, instituição ou país (para instituições estrangeiras) manualmente coletados do Currículo Lattes;² e localização atual com nome da Unidade Federativa da instituição de filiação e se está na capital ou no interior do mesmo. Para as instituições no exterior, foi armazenado apenas o nome do país. Para pessoas apenas com o mestrado, também foi armazenado se a pessoa está com doutorado em andamento e em qual instituição. Ainda, como integrantes desses comitês eventualmente mudaram de filiação ao longo dos anos, os nomes da filiação atual (em 2024) foram pesquisados a partir da Plataforma Lattes. A Tabela 1 apresenta uma amostra das linhas resultantes dos registros de pessoas integrantes dos Comitês de Programa do WIT.

Análise. A análise apresentada neste artigo foi estruturada nos seguintes alvos de estudo:

- Distribuições por sexo e regional (unidade federativa, capital e interior);
- Diversidade institucional (universidade/instituto federal, estadual ou particular); e
- Diversidade de formação (mestrado, doutorado; ano de conclusão; local).

Limitações. Esta análise não está livre de limitações. A maioria se justifica para facilitar a visualização de dados, sem necessariamente perder generalidade porque correspondem a uma parte mínima dos dados. Porém, as seguintes podem interferir nos resultados.

²Plataforma Lattes: <https://www.lattes.cnpq.br>

- História registrada: os anais do CSBC só contêm as edições do WIT que possuem sessões técnicas com apresentação de artigos (i.e., 2016 em diante);
- Sexo binário:³ inferido pelo nome da pessoa ou pelas informações do Currículo Lattes ou página pessoal da pessoa (e.g., utilização de pronomes pessoais);
- Filiação e formação: consideram os dados da versão mais atual do Lattes da pessoa ou de sua página profissional em 27 de março de 2024. Ou seja, se a pessoa mudou de filiação ou finalizou seu doutoramento enquanto participava de edições diferentes do WIT, tal mudança não está refletida nas análises, o que poderia ser realizado mas dificultaria visualização e compreensão dos resultados; e
- Indústria: apesar dos dados conterem pessoas cuja filiação atual é uma empresa, a análise visual sobre o tipo de instituição é restrita à IES. A filiação à indústria é considerada à parte, junto às pessoas com filiação atual no exterior.

5. Análises

Esta seção apresenta as análises realizadas a partir da metodologia descrita, com cada tema abordado individualmente. Algumas das limitações supracitadas também são melhor discutidas ao final como números complementares, especialmente: todas as análises das Seções 5.1, 5.2 e 5.3 excluem o percentual baixíssimo de pessoas que atuam na indústria ou no exterior, o qual é analisado na Seção 5.4.

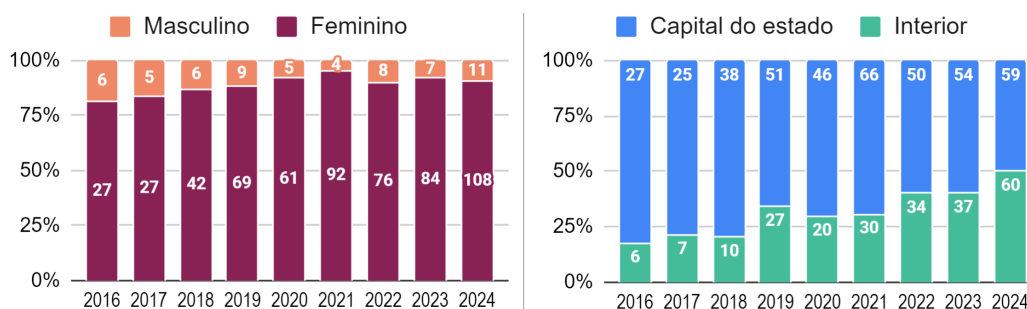


Figura 1. Porcentagem e números absolutos por ano: dividido por sexo e pela localização dentro da Unidade Federativa (UF).

5.1. Diversidade por Sexo e Geográfica

Com o propósito de ter mais mulheres participando e sendo protagonistas na SBC, a composição de cada comitê de programa é majoritariamente feminino. A Figura 1 mostra número absoluto e porcentagem por ano sob duas perspectivas: à esquerda, pessoas divididas por sexo e, à direita, pela localização de sua afiliação atual dentro do estado. Os estados do RS e do RJ lideram com mais pessoas do interior (10 cada). Note que interior é qualquer cidade que não seja a capital; e.g., Niterói. Os números absolutos mostram o crescimento do comitê de programa do WIT de 33 pessoas em 2016 para 119 pessoas em 2024. Justificativas para tal expansão incluem: crescimento saudável da comunidade brasileira que se interessa e publica sobre diversidade de gênero na Computação; aumento no número de submissões para o evento; e crescimento do Programa Meninas Digitais com

³Esta equipe tem consciência e acompanha os movimentos de expansão de identidade de gênero; ao mesmo tempo, segue o padrão desse tipo de estudo que, sem informação específica fornecida pelas pessoas envolvidas (i.e., identidade de gênero), limita-se ao sexo binário.

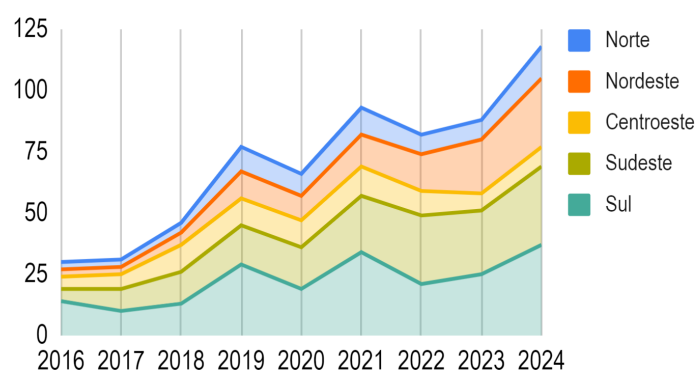


Figura 2. Números absolutos por ano: dividido pela região geográfica brasileira.

mais de 100 projetos parceiros cadastrados, os quais frequentemente submetem artigos sobre suas iniciativas para o evento. Além disso, nota-se o crescimento no número de instituições localizadas fora das capitais brasileiras, o que é igualmente importante para ampliar o alcance e a visibilidade da diversidade de gênero na Computação.

A diversidade geográfica fica mais aparente quando analisa-se a localização da UF frente as cinco regiões brasileiras, conforme ilustrado na Figura 2 em números absolutos por ano. Percebe-se que as cinco regiões são representadas anualmente, com maior presença das regiões sul e sudeste, que igualmente concentram o maior número de IES que ofertam cursos de Computação. Essa figura também mostra a leve queda na participação em 2020, muito provavelmente como consequência da pandemia de COVID-19.

Esses números são indicadores relevantes de uma característica que vem se consolidando no comitê de programa do WIT nesses 18 anos, que é a *pluralidade* [Brah 1991]. Em um país extenso como o Brasil, com suas diferenças culturais, a pluralidade de vozes e representatividade nos comitês é requisito fundamental para a acolhida de novos temas, visões, necessidades e, conseqüentemente, ampliação da divulgação científica e experiências. Portanto, seguindo a definição de sociedade plural de [Velho and de Castro 1980], aquela formada por “indivíduos com diferentes características, visões, culturas, gênero, educação, princípios e formas de agir”, os números indicam que os comitês de programa do WIT são plurais.

Entretanto, é importante ressaltar que outras dimensões culturais como raça, etnia, faixa etária, por exemplo, não estão disponíveis nos dados públicos das pessoas que compuseram os comitês de programa em todos esses anos. Tal informação daria maior clareza sobre o grau de evolução da pluralidade dos comitês ao longo das edições do WIT.

5.2. Diversidade Institucional

Outra perspectiva de diversidade relevante é o tipo de instituição onde a pessoa atua: Universidade ou Instituto, Federal ou Estadual, ou ainda Particular. Essa distinção é importante devido ao perfil de atuação de cada tipo de IES, pois universidades atuam apenas com cursos superiores (graduação e pós-graduação); institutos atuam na formação básica, técnica e tecnológica, oferecendo cursos de qualificação profissional, técnicos; federais, estaduais e particulares ainda recebem verbas de fontes diferentes.

A Figura 3 ilustra porcentagem e números absolutos por ano considerando o tipo de IES onde a pessoa estuda/trabalha. Os dados mostram uma divisão quase que esperada,

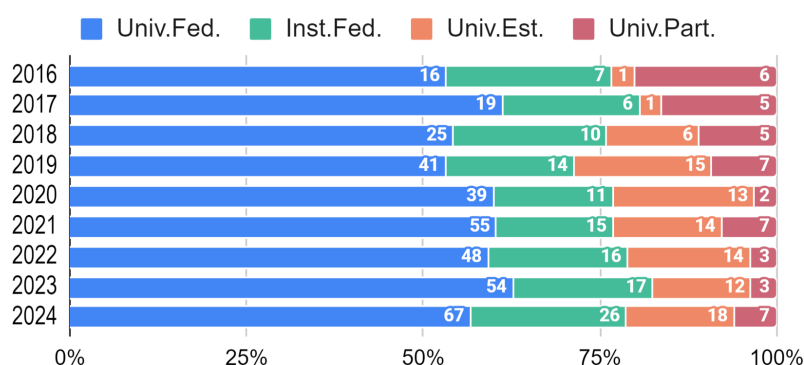


Figura 3. Porcentagem e números absolutos por ano de acordo com o tipo de IES: Universidade Federal, Instituto Federal, Universidade Estadual, Universidade Particular.

muito proporcional ao número de instituições de cada tipo que realizam projetos de pesquisa, desenvolvimento e extensão com temáticas relacionadas a gênero e computação. Complementando, a Tabela 2 apresenta as dez IES com maior número de pessoas que já estiveram no comitê de programa do WIT (do total de 85 IES brasileiras). Esses são os números para todas as pessoas que passaram pelos comitês das edições do WIT de acordo com a filiação *atual*. Ainda, é importante notar que cada linha: apresenta um número acumulativo de pessoas (ou seja, não significa que algum ano o comitê teve 11 pessoas da UTFPR ou 9 da UnB); e eventualmente considera diferentes campi da mesma IES (e.g., UFC engloba pessoas de Crateús, Quixadá, Russas e Fortaleza).

Tabela 2. Pessoas por IES.

#	Instituição
11	UTFPR
10	UFF
9	UFSC
9	UnB
7	EXTERIOR
7	UFC
5	PUC RS
5	UEM
5	UFAM
5	UFPB

Tabela 3. Área de formação.

#	Área
88	Computação
27	Informática
24	Eng. Elétrica
14	Eng. Sist. e Comp.
7	Educação
5	Eng. Produção
5	Tecnologia
4	Info. na Educ.
3	Gestão
2	Letras

Tabela 4. Formação por IES.

#	Instituição
27	EXTERIOR
23	USP
18	PUC Rio
16	UFSC
15	UFRJ
9	UFRGS
9	UNICAMP
6	UFCG
6	UFMG
6	UFPE
6	UTFPR

5.3. Diversidade de Formação

Os critérios de diversidade apresentados até o momento podem refletir decisões conscientes das pessoas responsáveis pela formação dos comitês (geralmente, a coordenação do comitê de programa), uma vez que diversidade regional é uma preocupação diretiva da SBC. De mesmo modo, existe sempre uma preocupação em convidar pessoas com formação de doutorado para esses comitês. Aqui, entra um diferencial importante do WIT, o qual convida também pessoas com mestrado (estejam ou não cursando doutorado) pela relevante atuação em projetos relacionados à diversidade de gênero em suas IES.

A Figura 4 ilustra a participação em porcentagem e números absolutos por ano considerando o nível mais alto de formação acadêmica. Novamente, note que foram separadas as pessoas com formação de Mestrado das que atualmente são estudantes de

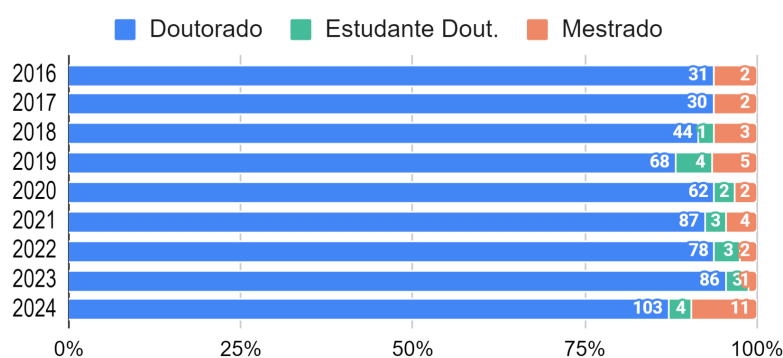


Figura 4. Porcentagem e números absolutos por ano pelo nível mais alto de formação acadêmica: Doutorado, Estudante de Doutorado, Mestrado.

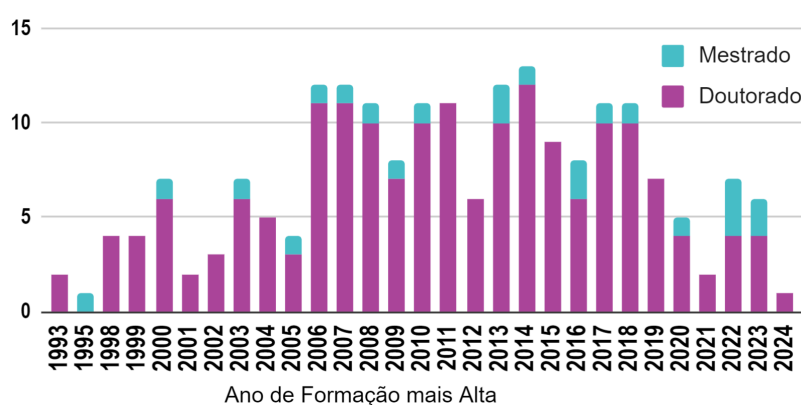


Figura 5. Números absolutos por ano pelo nível mais alto de formação acadêmica: Doutorado e Mestrado.

Doutorado, para melhor analisar os dados. É notório que o número de mestres tem sido mínimo ao longo das edições, e que estudantes de doutorado têm participação tímida, mas constante. Essa inclusão de mestres demonstra uma preocupação do WIT em investir na valorização das próximas gerações de pesquisadoras que, além de terem o evento como veículo de publicação, também participam (mesmo que modestamente) e aprendem sobre como o evento funciona em relação à seleção de trabalhos a serem publicados.

Já a Tabela 3 apresenta área de formação (top 10 de 33 no total) do nível mais alto da pessoa atualmente (mestrado ou doutorado). Nota-se uma clara predominância de pessoas da área da Computação, seguida de Informática, Engenharia Elétrica, além de Engenharia de Sistemas e Computação. Outras áreas incluem: Educação, Engenharia de Produção, Tecnologia, Informática na Educação, Gestão, e Letras. Poucas áreas refletem a formação de uma única pessoa, e.g., Comunicação e Cultura Contemporâneas, Física, Genética, Geociências, e Psicologia.

Além da diversidade de nível e área de formação, é necessário refletir sobre a diversidade de tempo de formação, a qual pode ser um reflexo da faixa etária da pessoa. A Figura 5 ilustra essa diversidade considerando o ano de conclusão da formação acadêmica de nível mais alto (para todas as pessoas que integraram os comitês do WIT). A beleza deste resultado está no fato de não haver tendência clara, ou distribuição homogênea. Em se tratando de tempo de formação, os comitês do WIT contêm pessoas de todas as faixas etárias, inclusive jovens que defenderam seus doutorados recentemente (2022 em diante).

Tabela 5. Pessoas com outros perfis de filiação (Indústria ou IES no no Exterior) e Formação (Mestrado Profissional ou Especialização).

	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
Indústria					1	2	1	2	
Exterior	3	1	2	1		3	2	3	1
Mestrado Profissional							1		1
Especialização				1		2	1	1	

Para complementar, a Tabela 4 informa onde essas pessoas concluíram sua formação atual (top 10 de 41 IES), com destaque para as muitas pessoas formadas no exterior e na USP.

5.4. Números Complementares

Seguindo a Seção 4, apesar de os comitês incluírem pessoas cuja filiação atual é na indústria, a análise sobre o tipo de instituição foi restrita a pessoas de filiação acadêmica. Assim, a Tabela 5 apresenta a quantidade dessas pessoas, e a quantidade de pessoas com filiação acadêmica no exterior, bem como as com outra formação. De fato, esses números são tão pequenos que seriam considerados ruído nas análises anteriores.

6. Conclusões

Completar 18 anos é um marco não apenas para celebrar a passagem à vida adulta, mas também para destacar a importância da presença e participação ativa das mulheres em campos tradicionalmente dominados por homens, como a Computação. Assim, em uma sociedade majoritariamente masculina, ao completar 18 anos, espera-se que o WIT ganhe cada vez mais voz, autonomia e oportunidades de contribuir de forma significativa para o progresso e o desenvolvimento de sua comunidade e país.

Neste artigo foi apresentado o amadurecimento deste evento, o qual só foi possível com a colaboração de mais de 200 pessoas (discentes e docentes) que, voluntariamente, têm trabalhado pela manutenção e evolução do evento atuando no comitê de programa. Os resultados desta pesquisa indicam que o comitê do WIT tem diversidade geográfica, de formação, instituição e experiência. Esta constatação ratifica o papel essencial do WIT em criar espaços de representatividade e pluralidade de vozes. Ainda, mostra que o evento está em linha com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 5 (Igualdade de Gênero) estabelecidos pela Organização das Nações Unidas até 2030.⁴

Este reconhecimento da diversidade nos comitês que construíram, voluntariamente, o WIT, não apenas valida as conquistas individuais, mas também fortalece o caminho para um futuro mais igualitário e inclusivo para a SBC. Assim, desejamos “vida longa” ao WIT e às pessoas que compõem os seus comitês.

Como trabalhos futuros, espera-se investigar a conexão das pessoas participantes com o Programa Meninas Digitais (e.g., participação em projetos parceiros e eventos relacionados à temática do WIT, com publicações sobre o tema). Também planeja-se comparar os dados do WIT com iniciativas dedicadas a gênero, como o *ACM Diversity, Equity, and Inclusion Council*;⁵ e o *Grace Hopper Celebration*.⁶

⁴ONU: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>, acesso em 27/03/2024.

⁵ACM: <http://www.acm.org/diversity-inclusion/about>, acesso em 27/03/2024.

⁶GHC: <http://ghc.anitab.org>, acesso em 27/03/2024.

Agradecimentos

As autoras agradecem as integrantes do Comitê Gestor do Programa Meninas Digitais, por todo trabalho voluntário dedicado à maior presença feminina na Computação. MMM agradece ao CNPq e à FAPEMIG. LCS agradece a FAPERJ e CAPES - Código de Financiamento 001. AA agradece ao CNPq e CAPES - Código de Financiamento 001.

Referências

- Araujo, A., Holanda, M., Castanho, C., Koike, C., Oliveira, R., Canedo, E., and Moro, M. (2022). Pandemia de covid-19 tem gênero. In *Anais do XVI Women in Information Technology*, pages 110–121, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Bordin, A., Ferrão, I., and Branco, K. (2021). Women in technology: Uma análise bibliométrica dos últimos cinco anos. In *Anais do XV Women in Information Technology*, pages 250–259, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Brah, A. (1991). Difference, diversity, differentiation. *International Review of Sociology*, 2(2):53–71.
- Carvalho, L., Lima Filho, S., Brandão, M., Oliveira, J., Santoro, F., and Silva, M. (2023a). Não se nasce mulher na computação, torna-se. Tornam-se juntas! Analisando sete anos de WIT. In *Anais do XVII Women in Information Technology*, pages 205–216, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Carvalho, L., Lima Filho, S., Brandão, M., Oliveira, J., Santoro, F., and Silva, M. (2023b). Uma década de interações entre eventos e pesquisadores do CSBC: Um estudo meta-científico. In *Anais do XII Brazilian Workshop on Social Network Analysis and Mining*, pages 139–150, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Cesario, G., da Silveira, N., Bim, S. A., and Maciel, C. (2017). Por Mais Mulheres na Computação: análise dos trabalhos publicados no X Women in Information Technology. In *Anais do XI Women in Information Technology*, pages 1213–1217, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- de Lima, L. H. C., Penha, G., de Alencar Rocha, L. M., Moro, M. M., da Silva, A. P. C., Laender, A. H. F., and de Oliveira, J. P. M. (2017). The collaboration network of the Brazilian Symposium on Databases. *Journal of the Brazilian Computer Society*, 23(10).
- Drummond, B., Salgado, L., and Viterbo, J. (2022). What are the challenges faced by women in the games industry? In *Anais do XVI Women in Information Technology*, pages 167–178, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Duarte, B., Moura, A., and Moro, M. (2019). Mulheres na computação: Análises por sub-Áreas. In *Anais do XIII Women in Information Technology*, pages 174–178, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Lorens, A. L., Botelho, J., Moura, A. F., Duarte, B., and Moro, M. (2020). Participação feminina em comitês de programa de simpósios da computação. In *Anais do XIV Women in Information Technology*, pages 90–99, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Maximino, G., Santos, I., and Mota, M. (2022). Mulheres na Ciência: Um Panorama das Publicações no WIT. In *Anais do XVI Women in Information Technology*, pages 77–87, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.

- Milson, A. L., Ribeiro, I., Andrade, I., Gonçalves, J., Laboissiere, L., Ferreira, M., Dalip, D., Brandão, M., and Moro, M. (2020). Elas na Ciência: Website com jogos para divulgar personalidades femininas. In *Anais do XIV Women in Information Technology*, pages 10–19, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Pizzol, N. D., Barbosa, E., and Musse, S. (2022). Gender Representation in Brazilian Computer Science Conferences. In *Anais do XVI Women in Information Technology*, pages 67–76, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Santana, T. and Braga, A. (2020). Uma Análise Cienciométrica das Publicações do Congresso da Sociedade Brasileira de Computação na Perspectiva das Mulheres na Computação. In *Anais do XIV Women in Information Technology*, pages 279–283, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Silva, A., Prado, R., Moro, M., and Araujo, A. (2023). Autopercepção de meninas do ensino básico em relação às carreiras de stem. In *Anais do XVII Women in Information Technology*, pages 91–102, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Soares, M., Silva, A., Érica Carneiro, Varjolo, L., and Guedes, G. (2023). Análise do gênero de pesquisadores em eventos do Congresso da Sociedade Brasileira de Computação. In *Anais do XVII Women in Information Technology*, pages 57–67, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Velho, G. and de Castro, E. V. (1980). O conceito de cultura e o estudo das sociedades complexas: uma perspectiva antropológica. *Cadernos de Cultura*, 2(2):11–26.
- Whittington, K. B., King, M. M., and Cingolani, I. (2024). Structure, status, and span: gender differences in co-authorship networks across 16 region-subject pairs (2009–2013). *Scientometrics*, 129:147–179.